

O CHRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CHRISTO

1.^a aos Corinthios cap.1. v. 23

Redacção:

Rua de S. Pedro N. 118

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação Mensal

Assignatura Annual... 3\$000

ADEANTADOS

Principia em qualquer mez mas finda em Dezembro

ANNO XIX

Rio de Janeiro, Maio de 1910

NUM. 222

O PRINCIPE DA PAZ

(*Dr. William Bryan*)

Não vos pedirei excusa alguma por vir falar de religião, posto que seja o thema mais universal. Se vos dirigisse a palavra ácerca de leis, talvez interessasse aos advogados, se ácerca de medicina, aos medicos; do mesmo modo poderia interessar aos commerciantes uma conferencia sobre o commercio, e uma sobre a agricultura, aos fazendeiros.

Nenhum desses themas logra, porém, chamar a attenção e provocar o interesse de todos. Nem a politica siquer, apesar de ser no que todos cáem por fim, abarca a summula total da vida; e entre si differem tanto os que della se preoccupam que seria difficil abordar o thema de modo a agradar uns sem offender outros.

Posto que me sejam de summo interesse os assumptos da politica, reconheço entretanto, que as coisas mais importantes da vida giram fora do dominio da politica e que mais dependemos do que possa cada um fazer por si proprio do que daquillo que a politica ou o governo possa fazer em bem de cada um.

Pode um povo viver infeliz debaixo do melhor governo e feliz debaixo do peor.

A questão governo affecta só uma parte da nossa vida presente, mais de maneira alguma as demais, ao passo que a religião se relaciona tanto com o circulo in-

finito de nossa existencia como com a pequena fracção daquelle circulo que na terra transcorremos. Não ha, portanto, afóra este, outro thema que nos prenda a attenção.

O homem é um ser religioso; seu coração busca a Deus instinctivamente. Quer vote um culto ás collinas do Ganges, quer creia com o rosto voltado para o sol, quer se prostre na direcção da cidade santa dos mahometanos ou, segundo a crença christão, considerando todo o espaço como um extenso templo, estabeleça uma communhão directa com o Pae celeste, não podemos deixar de reconhecer que o homem é, por natureza, devoto.

Fontes da duvida

Alguns ha que duvidam; reconhecemo-lhes e respeitamo-lhes a sinceridade da duvida. De vez em quando, porém, topamos com rapazinhos que acreditam fazer gala de sabedoria — representando de scenticos — e que acreditam dar provas de uma intelligencia maior e mais desentrevada — ridicularisando as crenças e praticas religiosas e negando que pertencem a uma egreja.

Costumam chamar-se liberaes como se o não fossem christãos. A esses quero dirigir-me.

Ha tambem algumas pessoas de maior idade que tem a pretensão de olhar a religião como uma superstição perdoavel aos ignorantes mais indigna de gente educada, e como uma especie de alienação mental de que todos podem e devem

livrar-se. Os que assim pensam, contemplam com apazível desprezo os que dão á religião, no pensamento e na vida, um lugar de preferencia. Fingem uma superioridade intellectual e, raro, se afadigam com occultar a sua arrogancia.

Tolstoi faz uma censura severa á «multidão culta», como elle a denomina, quando affirma que o sentimento religioso não é devido a um temor supersticioso das forças invisiveis da natureza, mas sim ao facto de reconhecer o homem, em meio do universo illimitado, a sua limitação e a sua perversidade. E esse reconhecimento, accrescenta o grande philosopho, não poderá jámais ser destruido pelo homem.

Tolstoi tem razão: o homem reconhece quão limitadas são as suas faculdades e quão immenso é o universo e naturalmente procura apoio num braço mais forte que o seu. O homem sente a gravidade dos seus peccados e apella para um sem peccado.

Já se definiu a religião como a relação que o homem fixa entre si proprio e Deus e a moralidade como a demonstração externa dessa relação.

Toda a pessoa, ao chegar á idade madura, tem fixado entre si e Deus uma relação e não pode fazer nessa relação mudança alguma real sem que soffra uma revolução, pois essa relação é a mais poderosa influencia que actúa sobre a vida humana.

A base da moral

A religião é a base da moralidade, quer na sociedade, quer no individuo.

Os materialistas procuram estabelecer um systema de moralidade sobre a base do interesse pessoal. Querem que o homem resolva de uma maneira mathematica que lhe é proveitoso abster-se de praticar o mal; querem tambem intruzir no altruismo um elemento de egoismo. Mas o systema pelos materialistas elaborado tem varios defeitos. Primeiro, suas virtudes são copiadas dos systemas que se baseam na religião. Segundo, porque mais se firme na razão que na autoridade, esse systema não influencia a juventude, que, ao chegar ás medições de poder se guir os dictames da razão, já tem o seu ca-

racter formado. Nossas leis não permitem que um joven alieno bens de raiz antes de attingir á idade de vinte e um annos. Porque esta restricção? Porque o entendimento ainda lhe não amadureceu; sem embargo do que a vida de um homem está, todavia, formada pelas circumstancias que o rodeiam. Terceiro, nada se sabe exactamente sobre que parte da determinação corresponde á razão, nem até que ponto se deve ás paixões e ao interesse pessoal a determinação.

Reconhecemos a propensão para o interesse pessoal quando recusamos, como jurado, ao homem correcto e sensato que seja, que tenha interesse pecuniario na solução da causa. Quarto, finalmente, quem, cuja moral está baseada em um calculo mathematico, gasta em calculos o tempo que em obras deve gastar. Os que num livro assentam os seus actos bons fazem apenas o bem sufficiente para justificar a existencia de tal livro.

A moralidade é no homem a faculdade da paciencia; é uma religião que inspira ao homem a sua responsabilidade pessoal para com Deus, fortalece a moral. Assim tambem ha uma força poderosa de restricção na crença de que um olho que tudo vê, esquadrinha os pensamentos, as palavras e os actos de cada individuo.

Uma grande differença existe entre o homem que quer amoldar a vida a tal ou qual norma de procedimento e o homem que procura fazer com que sua vida se approxime do modelo divino.

O primeiro pretende viver de conformidade com a norma adoptada, seja-lhe esta superior ou inferior, e só faz o bem quando o observam; certamente, tempo virá em que descuidará dos seus principios e cairá.

Todo o individuo tem necessidade do poder interior que só se adquire com a presença experimental de um Deus pessoal.

Se os que gosam deste poder caem algumas vezes nos golpes da tentação quão desamparadas e desesperadas devem sentir-se os que só com as proprias forças contam?

Encontram-se difficuldades na religião mas onde não existem? Eu mesmo, quando estudando, atravessei um periodo de scép-

ticismo e, desde aquelle tempo, tem para mim sido uma satisfação o ter-me feito membro de uma egreja, antes de deixar minha casa pelo collegio, pois isso foi o que me valeu naquelles dias de provação.

O Incognoscivel

O tempo que se passa no collegio é o mais critico periodo da vida de um rapaz, pois é quando a este começam a desprender-se as faculdades e quando este mais forte se sente e acredita saber muito.

Nessa época foi que se me offuscou a mente com as diversas theorias da criação. Examinei-as todas e verifiquei que todas principiavam presumindo alguma coisa. A hypothese da nebulosa, por exemplo, presume que a materia e a força existiram sempre — a materia em particulas infinitamente pequenas e separadas umas das outras por um espaço também infinitamente pequeno. A força que actúa sobre esta materia, criou, segundo aquella theoria, um universo. Pois bem, assim sendo, creio ter o direito de suppor, e prefiro-o suppor, um artista autor da obra, um criador autor da criação.

Pouco se me dá da explicação do progresso da criação, desde que Deus permanença como seu autor; nada poderá abalar minha fé em Jehovah.

Se me visse na necessidade de aceitar uma dessas theorias preferiria a primeira, pois se podemos isolar do planeta o germen da vida e deixal-o no espaço, podemos adivinhar o resultado, e ninguem nos poderia contradizer; mas se aceitamos a doutrina da geração expontanea, não podemos explicar porque motivo a geração expontanea deixou de operar desde, que se criou o primeiro germen.

Ainda que remontemos á época prehistorica que denominaremos o «princípio», não podemos negar a criação, e para mim é tão facil crêr que Deus criou o homem tal qual elle é na actualidade, como crêr que, ha milhões de annos, criou um germen de vida e dotou-o do poder de se transformar nos diferentes aspectos em que a vida se nos manifesta.

Opponho-me, portanto, a theoria darwiniana a menos que appareçam provas mais concludentes, pois temo que percamos a experiencia da presença de Deus

em nossa vida quotidiana se tivermos de admittir que durante os seculos nenhum poder espirital interveiu na vida do homem nem formou o destino das nações. Ha ainda outra objecção.

A theoria darwiniana sustenta que o homem attingiu ao gráu actual de perfeição devido á obra da lei, do odio, lei cruel, pela qual o forte opprime e destróe o fraco. Si é esta a lei do nosso progresso, e si ha alguma logica capaz de se unir ao entendimento humano, mais e mais nos approximamos da besta á medida que vamos eliminando a lei do amor. Como pôde o odio ser a lei do progresso, quando as nações só progridem a proporção que o vão abandonando para substituil-o pela lei do amor?

Não acceito a theoria darwiniana, nem a discutirei; meucionei-a apenas para vos mostrar que ella não resolve o mysterio da vida, nem explica o progresso humano.

Está escripto no Genesis que no principio, Deus criou os céus e a terra e terminei por satisfeito com essa proposição até que outra theoria da criação vá além do principio.

Não levo a doutrina da evolução tão longe como fazem alguns; não me pude, todavia, convencer de que o homem seja descendente directo de animaes inferiores. Não vos quero censurar se preferis aceitar essa doutrina; quero unicamente dizer que se vos contentaes ou vos orgulhaes de ligar ao mono a vossa descendencia não me tenhaes na vossa arvore genealogica, salvo se isso demonstrarem de uma maneira mais evidente do que a maneira por que, até hoje, o demonstraram.

E' verdade que o homem, em algumas qualidades physicas, se assemelha á besta mas, além do corpo, o homem tem o entendimento e o menos que pôde fazer é protestar contra os que lhe inferem da descendencia pela parte animal, que é a sua parte inferior. O professor Fairbalen formulou uma bella proposição quando disse que não nos deve bastar o considerarmos o homem como um animal, mas que é necessario tambem consideral-o na historia, coisa que a theoria darwiniana não faz. O mono e, por esta theoria, anterior ao homem é, todavia, ainda não

passou de mono. ao passo que o homem é o autor da maravilhosa civilização de que gosamos.

O mysterio da vida

Todavia, nem por aceitar esta theoria se resolve o mysterio, pois ella não nos explica a origem da vida. Quando o discipulo de Darwin leva o germen da vida até ás formas mais imperfeitas sob as quaes se nos apresenta, precisa, para poder aceitar a sua theoria, de maior fé que a necessaria para a religião; e, ainda assim se encontra em desacordo com os sabios. Uns acreditam de accordo o primeiro germen da vida nos vem de outro planeta; sustenta-se, por outro lado, que elle é o resultado da geração expontanea.

Receio de que alguns tenham accettato a geração expontanea com esperanza de eliminar o «milagre»; mas, porque nos ha de atemorisar o «milagre»?

A mim, deixa-me perplexo e inclino me a acreditar que ella é uma das provas do christão.

Christo não pode ser separado do «milagroso»; o seu nascimento, o seu mysterio e a sua resurreição envolvem um milagre, e a transformação que a sua religião opera no coração humano é um continuo milagre. Elimine-se o milagre e Christo nada mais é do que um mero ser humano, e ao seu Evangelho faltará a autoridade divina.

O milagre suscita duas perguntas: — Pode Deus praticar um milagre e, porventura, — Queria fazel-o?

A' primeira, responde-se facilmente. Um Deus, que pode criar um mundo, pode fazer o que lhe approuver. A faculdade de operar milagres deprehende-se facilmente da faculdade de criar. Quererá Deus fazer esse milagre? tal é a segunda pergunta, e a que causa maior perturbação. Quanto mais nella medito, tanto menos me resolvo a responder pela negativa.

Dizer que Deus não quer operar um milagre, seria fazer gala do conhecimento intimo dos pensamentos e designios de Deus; e não posso pretender tal. Não pretenderei tambem negar que Deus não faça ou não tenha podido operar um milagre, sómente porque não posso compre-

hender como ou porque o faz. O facto de estarmos descobrindo constantemente a existencia de novas forças, suggere a possibilidade de admittir que Deus opere por meio de forças, ainda para nós desconhecidas; e os mysterios, com que dia a dia nos encontramos, advertem-me de que a fé é tão necessaria como a vista. Quem daria credito, ha um seculo atraz, as maravilhas que se contam da electricidade? Durante muitos seculos o homem teve conhecimento dos raios, só para os temer; agora, o homem aproveita-se dessa corrente invisivel por meio de uma machina de sua invenção, prende-a num fio, que tambem fabrica, e ordena-lhe que o sirva.

Podemos tambem prescindir do fio e lançar a palavra atravez do espaço. Os raios X permittiram-nos vêr atravez de substancias, que ainda não ha muito, acreditavamos excluir em a luz. O milagre não encerra maior proporção de mysterio do que muitas coisas de que se vale o homem na actualidade; é só differente dellas.

A concepção immaculada não é mais mysteriosa do que outra qualquer concepção — é unicamente diversa das outras; tão pouco é mais mysteriosa a resurreição de Christo do que os milhares de resurreições, que assignalam as sementeiras, annos e annos seguidos.

Diz-se algumas vezes que Deus não pôde alterar nenhuma das suas leis, sem que se paralyse o Universo; pois, não alteramos e não vencemos nós todos os dias a lei da gravidade? Cada vez que movemos um pé ou levantamos um peso, interferimos na mais universal das leis da nature'a; e, todavia, nem por isso o mundo se perturba.

A sciencia ensinou-nos tantas coisas que somos tentados a acreditar que sabemos tudo; na realidade, resta-nos muito ainda que conhecer e explorar, e o que aprendemos deve augmentar ainda mais a nossa humildade em vez de exaltar o nosso egoismo. A sciencia revelou-nos algo do mecanismo do universo; não resolveu, porém, o grande mysterio: o mysterio da vida.

Encontra-se esse mysterio em cada pé de herva, em cada insecto, em cada

avezinha, em todos os animaes e tambem no homem. Passaram-se seis mil annos a historia nol-o lembra; — e sabemos tanto do mysterio da vida como se sabia no principio. Vivemos, fazemos projectos, temos as nossas esperanças, nossos temores e, comtudo, num momento podemos soffrer uma mudança, convertendo-nos em massa inerte. Que é isso que quando possuímos, vivemos, e, quando não o possuímos mais, somos como a terra morta? Não o sabemos; e, todavia, o progresso do genero humano e a civilisação de que agora gosamos, são obras de homens e de mulheres que, tão pouco, descobriram o mysterio das suas proprias vidas.

E o nosso alimento, será necessario que o comprehendamos antes de o ingerir? Se nos negassemos a comer alguma coisa enquanto não o comprehendessemos o mysterio de seu crescimento, morreriamos de fome. Pois o mysterio, que não nos perturba na mesa, torna-se um obstaculo na egreja.

Ha uns mezes que comia um pedaço de melancia e a attenção se me fixou na sua formosura. Tomei algumas pevides, pi-sei-as e pesei-as: verifiquei que para pesarem uma libra eram precisas, pelo menos, cinco mil. Apliquei, então, o calculo a uma melancia de quarenta libras. Uma dessas pevides, ao ser depositada na terra aquecida pelo sol e humedecida pelas chuvas, colhe de alguma parte duzentas mil vezes o seu proprio peso. Cobre a parte externa com uma capa verde, dentro desta, fórma-se uma capa branca, a qual por sua vez envolve o coração de cor encarnada, no qual se cravam as pevides; cada uma dellas é capaz de continuar a obra de reproducção. Donde a pequena pevide obteve todo esse poder? De que maneira extraiu a sua materia corante? Como se pode formar uma melancia? Quando pudermos explicar a melancia, podemos estar certos de que teremos limitado o poder do Omnipotente ou que conseguiremos dizer o que Elle faria e como o faria. Não posso explicar a melancia; mas, comtudo, como-a e tenho com isso muito prazer.

Tudo que cresce tem uma historia semelhante do poder infinito. Por que ha-

via eu de negar que a mão divina tivesse dado de comer a uma multidão com poucos pães e peixes, quando vejo que centenaes de milhões se mantêm pela mão, que converte as sementes, esparzidas nos campos, em colheita abundante? Sabemos que os alimentos se podem multiplicar dentro de alguns e poucos mezes. Negatemos então, que o Criador tenha a faculdade, quanto nos temos adiantado tanto na eliminacão do elemento do espaço?

(*Continúa*)

DANIEL E O SEU LIVRO

(*Conclusão*)

Authenticidade— Si não se tomar Daniel como obra do personagem cujo nome traz, mas como um apocalypse em que a pessoa do propheta foi usada como vehiculo da mensagem divina á geração perseguida dos judeus que viveram no meiado do segundo seculo, antes de Christo não pode haver duvida quanto á sua authenticidade. Porque esta questão só se levanta quando se descobrem factos que levam a conclusões contradictoriaes das exigencias feitas pelo livro.

Como um livro apocalypstico Daniel não pode senão ser collocado sob os principios literarios de então, na fórma em que se acha no capitulo 12: 4 pertence ao escoliterario e não constitue prova de authenticidade danielica.

Canonicidade— Si Daniel merece um lugar no canon das Escripuras, não depende istoda personalidade do autor nem da especie de literatura que elle escolheu para transmittir a mensagem divina, mas unicamente depende do reconhecimento do livro pela consciencia espiritual do povo de Deus, como tendo uma mensagem real e de valor permanente. Este reconhecimento era geral nos dias de Jesus e o mesmo Jesus e reconheceu. E ainda mais tem sido aceito o reconhecido pela corpa unanime dos crentes. E nenhuma investigacão de caracter historico ou lit rario póde abalar o seu lugar na Regra de Fé.

Interpretação — Ao reconhecer o Livro de Daniel como producto do periodo de

Antiocho Epiphânio, desaparecem muitas dificuldades quanto á sua interpretação. Especialmente o capitulo 11, com os quatro reinos, é maravilhosamente esclarecido, quando contemplado sob este ponto de vista. O terceiro desses reinos é explicitamente chamado o reino persa, o quarto é claramente o grego, macedonico. Deste ultimo considera-se o solencida o ramo do norte.

A mesma quadrupla divisão apparece na primeira parte do livro (cap. 2 a imagem do sonho de Nabuchodonosor). Em ambos os casos os poderes do mundo são succedidos pelo reinado do Messias especificamente representado no cap. 7 pelo Reino do "Filho do Homem."

Adições Apocryphas ao Livro de Daniel. Encontra-se no texto grego do Livro de Daniel as seguintes adições apocryphas:— 1.^a A oração de Azarias e o cantico das Tres crianças. 2.^a A Historia de Susanna. 3.^a A Historia de Bel e a do Dragão.

A primeira historia relaciona-se muito mais com o livro do que as ultimas.

O Canticos das Tres Crianças—Consta de de sessenta e sete versos, que vêm interpolados no capitulo 2, do verso 23 em diante. O titulo não abrange todo o conteudo, porque contem, ao mesmo tempo a oração de Azarias, a narrativa do forno incandescente e a da vinda do anjo do Senhor para os livrar. O Codice *B* traz essa addição com os titulos:— "A Oração de Azarias e "O Hymno dos Tres" Nota-se, no entretanto, que a oração é inapropriada ás circumstancias, porque é uma confissão do peccado nacional passado, e pedido de misericordia para a nação.

Egualmente o Hymno é inoportuno na sua situação. E' muito semelhante a uma litania e parece moldado pelo Psalmo 136. E' inteiramente incognito o compositor e da mesma fórma. a data é desconhecida. Foram preservados pela Biblia grega e tem havido grande discussão sobre lingua em que foram escriptos. A questão não é facil de resolver-se visto como cada versão que existe se basea na Septuaginta.

Historia de Susanna—E' chamada em alguns M. M. S. S. "O Julgamento de

Daniel" Nos M. M. S. S. gregos e na velha versão latina é collocada antes do capitulo 1 de Daniel, mas na Vulgata, ella forma o capitulo 13.

O texto grego existe em duas enume-rações. A Septuaginta e a versão de Theodocio differem em detalhes. A Historia é como segue:— Susanna esposa de abastado juden babilonico, costumava a passear diariamente pelo jardim. Dos velhos que, recentemente, haviam sido nomeados juizes, enamoraram se della e, um bello dia esconderam-se no jardim e, quando Susanna, se estava banhando, appareceram subitamente e fizeram-lhe propostas vergonhosas.

Gritando ella, foram descobertos os criminosos. Para tirarem de sobre si a condemnação que mereciam, accusaram-a publicamente, ds adulterio com um joven que tinham visto no jardim.

E, desta arte, foi a innocente Susanna condemnada á morte mais foi salva por Daniel que, por meio de difficeis enigmas, expôz a falsidade dos velhos que foram immediatamente punidos. De nenhuma sorte se pode considerar essa narrativa como historica, porque está cheia de improbabilidades. Ball, Brühl e outro criticos descobrem a origem e a causa da Historia de Susanna em uma tradição da epoca do captiveiro em que dois velhos por meio de promessas a certas mulheres de que ellas seriam mães de prophetas eminentes, corromperam-as.

No tempo de Bem-Shetach, 100 A. C. já se encontrava a narrativa na fórma em que a possuímos hoje.

O primeiro a pôr em duvida a canonicidade da Historia de Susanna foi Julio Africano. E' ainda hoje considerada canonica pela Igreja romana.

A Historia de Bel e do Dragão—São duas narrativas distinctas, cujo fim é a glorificação de Daniel, a exhibição da vaidade e a decepção da idolatria.

Descobre Cyro, na Historia de Bel, que Daniel não adorava o idolo babilonico e chama-o ordem. Daniel nega o valor de Bel e se promptifica a proval-o. O modo porque o fez é interessante:

Costumavam a deixar certa quantidade de alimento para o deus e, o caso é que elle desaparecia sempre. Pois foi por es-

se meio que Daniel demoustrou a vaidade e o nada da idolatria.

Quando pozeram o alimento diante do idolo Daniel espalhou pó sobre o soalho do templo; o rei mesmo fechou e sellou a porta. Na manhã seguinte, de facto lá não estava o alimento, mas as pegadas humanas se achavam impressas no soalho. Isto levou a descobrir-se uma porta secreta porque os sacerdotes com suas mulheres e filhos tinham penetrado no templo e levado o alimento.

Como se vê, a prova era irrefutavel. Os falsos sacerdotes foram mortos e Daniel foi grandemente honrado pelo rei.

O mesmo acontece com a História do Dragão. Daniel offerece-se para matal-o o rei concede lhe permissão para o experimentar. Daniel fazendo bolos de pez deu-os a comer ao Dragão, sobre que elle estourou. Indignou-se o povo de Babilonia contra Daniel por causa da morte do deus e exigiu que lanças sem o propheta na cova dos leões, onde elle se conservou intacto por algum tempo. Maravilhado, o rei tornou a honrar a Daniel e o reconheceu com o propheta de Deus.

De resto, nenhuma dessas historias é authentica, mas são todas tiradas de lendas e idéas correntes entre os judeos.

O mytho do Dragão conseguiu ser muito circulado.

Como do caso de Susanna as versões gregas differem muito em detalhes. A lingua original é a grega.

A descoberta de um texto aramaico por Gaster da Historia do Dragão, nas chronicas de Jeramehel dá forte apoio aos poucos que pretendem ter sido a historia originalmente escripta nessa lingua. Mas, por emquanto ainda não se chegou a qualquer conclusão definitiva.

As egrejas, romana e grega, aceitam essas lendas como canonicas, mas as egrejas protestantes consideram-as apocryphas.

FRANCISCO DE SOUZA



—O tempo é um grande véo que vela os porticos da Eternidade.

CLUBS COMMERCIAES

Ultimamente o commercio tem se afastado da norma antiga de vender e comprar na razão do valor da mercadoria. O preço fixo pelo qual o commerciante estabelece o preço de sua mercadoria, é o melhor systema. Economisa tempo e estabelece a confiança. O comprador não regateia e o commerciante lhe inspira confiança, porque vende pelo menor preço que pôde e igualmente a todos. Agora, alguns commerciantes têm estabelecido um novo systema de commercio, e, infelizmente, entre elles, vendedores e compradores são evangelicos.

A este systema chamam club ou equitativa, no qual entra um numero de socios que pagam prestação semanal e o sorteio é resolvido por premio da loteria.

Deste modo um ou mais socios recebem a mercadoria por menos de seu valor, quando outros socios recebem por maior valor a que tem o mesino preço. Trinta socios entram com 4\$ por semana, que são 120\$000. O socio sorteado recebe por 4\$ o que vale 120\$. No fim de 30 semanas o commerciante tem recebido 3.600\$ e elle vende 30 mercadorias, em roupa ou fazendas por essa importancia.

O socio paga 4\$ por semana e paga 30 semanas. Si for sorteado na primeira semana, receberá por 4\$ o que vale 120\$; o segundo sorteado na segunda semana, receberá por 8\$ e assim por diante, e o que pagar ás 30 semanas, receberá por 120\$ o que os outros socios receberam por 4\$, 8\$, 12\$ e 16\$000.

O socio que se atrazar em tres prestações, perde o direito ao club e não pôde reclamar o que pagou.

Portanto, a importancia de suas prestações ficará para o negociante. O socio que pagar as suas prestações sem atrazo e ficar quite, mais não quizer ir até ao fim das 30 semanas, só receberá em fazendas a metade das prestações pagas. Assim, o socio que pagar 10 semanas, isto é, 40\$, só receberá em fazendas 20\$000. O socio que for infeliz nos sorteios, e permanecer, paga as 30 prestações e recebe por 120\$, valor de suas entradas, o que os outros socios sorteados receberam por menos. Não é isto um jogo de azar e es-

peculação? E' certo que todos os socios recebem a mercadoria, mais uns recebem por 4\$ e 8\$ e outros por 120\$000.

Moraes, no seu Dicionario da Lingua Portugueza, diz: «Jogo, é uma especie de sorte, a que expomos o nosso dinheiro. «Azar» é um meio de agitar, ordenar, accommodar e facilitar, e procurar meios de se conseguir alguma coisa».

Este systema de negocio tem por fim o negociante reunir um numero certo de freguezes, sempre ganhando e nunca perdendo. O negociante não tem por fim beneficiar este, não é o seu plano. Si os primeiros sorteados são beneficiados no valor porque recebem a mercadoria, para isso pagaram os outros socios, porque, quando o negociante entregar um objecto ao primeiro sorteado que só pagou 4\$000, já tem recebido na sua gaveta 120\$000.

O negociante quer só ganhar e não quer beneficiar os pobres.

E' uma especulação, é um jogo, é azar porque nenhum socio tem certeza de ser o primeiro sorteado.

Tudo isto é um jogo, no qual com a apparencia de favorecer o socio, o commerciante não perde, antes lucra, pois vende mais do que venderia pelo systema proprio de commerciar, de modo que a cobiça, é o movel deste negocio para ambas as partes. O comprador cobiça receber por 4\$ o que vale 120\$, e o commerciante lucra nas vendas que faz. E tanto assim que, commerciantes que pouco negocio faziam, agora fazem mais por este systema e ficam ricos!

Ha diversos systemas de clubs, para roupas, relogios, joias, calçado, etc., mas o fim é o mesmo com pequenas differenças. Ha clubs onde o socio não perde todas as suas prestações atrazadas, mas não deixa de soffrer algum prejuizo.

A loteria é sempre a base para resolver o sorteio, e neste caso uns socios pagam por outros, ficando o negociante sempre com lucros nem sempre justos. Cada clubista diz que o seu club é melhor do que o de outros, mas todos gyram na mesma roda da ganancia e das vantagens para o negociante, que vai accumulando riqueza por este modo e fazem mais negocio do que faziam pelo systema serio é regular do commercio.

Não se diga que isto não é jogo; é, e bem calculado. Nem todos os jogos são condemnaveis e nem as sortes que estão mencionadas na Biblia são com interesses de avareza como é o club commercial.

O club é um jogo e uma sorte de illusão e de cabiça, e a sua base é iniqua porque se baseia na loteria do Governo. Os negociantes de clubs tomando a loteria como base de seus sorteios estão approvando esse systema de jogo, que todas as nações condemnam e que no Brazil se projecta extinguir.

Ainda que todos os socios sejam premiados, segundo a loteria, elles associam-se ao club, com a cobiça esperançosa de serem o primeiro sorteado.

Para o negociante clubista lhe é isto indifferente por que elle está garantido pelas prestações de 30 socios que já lhe pagaram 120\$000.

O commerciante sempre lucra; 1º) lucra no valor que dá á sua mercadoria, e talvez venda por 120\$, quando podia vender por 100\$ ou menos; 2º) lucra na totalidade da vende que faz; 3º) lucra naquelles socios que se atrazaram em tres prestações; tudo é lucro para o commerciante. Entendemos que isto não é um negocio sério, e menos sério se torna para christãos evangelicos que devem ser simples e verdadeiros não deixando logar para suspeitas maliciosas que o mundo possa fazer.

Ainda mais, este sorteio de club depende de outro jogo — a loteria — O Congresso Brasileiro tem um projecto de lei, que mais tarde será approvado para extinguir a loteria, a rifa, o club e outros jogos por prestações. Aqui, transcrevemos uma parte deste projecto:

«Constitue jogo prohibido a loteria ou rifa de qualquer especie. Considera-se loteria ou rifa, qualquer operação sob qualquer denominação; em que se faça depender da sorte qualquer que seja o processo de sorteio, a obtenção de um premio em dinheiro ou em bens moveis ou immoveis. A venda de bens, mercadorias, ou objectos de qualquer natureza, por meio de sorte, qualquer que seja o processo de sorteio, ainda que por successivas extracções, a todos os jogadores, mediante pagamentos totaes ou parciaes, possam receber identico ou diverso premio.»

Estabelece a punição de 2 a 6 mezes de prisão cellular e multa de 500\$000 a 2.000\$000, além da destruição dos bilhetes registros e apparatus de sorteio.

Em vista desta lei, perguntamos aos commerciantes que usam o club commercial: não define ella como jogo e na mesma igualdade como a loteria, a rifa, o club, o negociar por sorteio, fazendo-se pagamento totaes ou parciaes, por prestações? Sim, é jogo, e um jogo de cobiça, onde o commerciante e o comprador jogam para ganhar pelo dinheiro. Si christãos evangelicos entendem que não é jogo, que é licito, é honesto commerciar por este systema, os legisladores não pensam assim.

Parece haver nelles mais capacidade moral do que nos outros. Os homens, sensatos reprovam o club commercial, conhecem que é um mal social que estraga os homens, e o querem extinguir por uma lei acompanhada de penas.

Querem promover um bem social, mas crentes evangelicos dizem: isto não é jogo, não ha peccado nem fraude porque todos os socios recebem a sua mercadoria!

O christão evangelico deve ser serio e simples em todos os seus negócios, e quando os homens que n o conhecem o Evangelho condemnam os jogos e clubs commerciaes, procurando extinguil-os para bem da humanidade, os crentes evangelicos devem ser os primeiros a condemnar e a não fazerem uso delles para seus interesses pecuniarios.

E' o que fazemos por este nosso escripto, e alguns outros evangelicos pensam do mesmo modo.

O Evangelho requer pureza: «tudo o que verdadeiro, tudo que é honesto tudo o que é justo, tudo o que é santo, tudo o que é amavel, tudo o que é de boa fama» (Phil. 4:8). Tambem nos avisa do perigo da cobiça, da avareza e da riqueza: «Os que querem fazer-se ricos cáem na tentação e no laço do diabo, e em muitos desejos inuteis e perniciosos que submergem os homens no abysmo da morte e da perdição. Porque a raiz de todos os males é a avareza, a qual cubiçando alguns, se desencaminharam da fé, e se enredaram em muitas dores» (1ª Tim. 6: 9, 10).

Oxalá que a lei extinguindo os jogos, loterias, clubs de prestações, seja em

breve executada, e si os crentes evangelicos não obedecem a pureza do Evangelho em seus negocios, serão forçados a obedecer á lei humana, quando em primeiro lugar deveriam obdecer á Lei Divina, que manda-nos trabalhar e não cubiçar» (Exodo 20: 9, 17). A' Adão, Deus disse: «Tu comerás o teu pão no suor do teu rosto» (Gen. 3:19). O club commercial é comer o pão com o suor do proximo. Não queremos molestar ninguem, nem offender pessoa alguma. Não fazemos referencias pessoaes, nosso fim é salvar os que professam o Evangelho, afastando-os de um mal que traz escandalo ao Evangelho, e que pôde ser um principio para outros males. Sem declinar nome de pessoa alguma, levantamos este assumpto na reunião dos Obreiros Evangelicos, para conhecermos e aprendermos delles, e todos os ministros evangelicos que estavam presentes, condemnaram os Clubs Commerciases.

Desejamos ouvir o parecer dos redactores de jornaes evangelicos. Escrevam com convicções e clareza como deante de Deus, em cujo tribunal compareceremos (2ª Cor. 5: 9, 10). Condemnamos a loteria, o jogo do bicho e o club commercial.

Aconselhamos aos que professam o Evangelho, que sejam a Luz do Mundo e o Sal da Terra» (Math. 5:13-16). Sejam Pharóes em uma cidade corrompida (Phil. 2: 14-15), e não acompanhem o mundo em transacções onde pôde existir a apparencia do mal. (1ª Thes. 5: 22, 23). Procuremos não ser tropeço para outros e não demos escandalo a ninguem (1ª Cor. 10:31, 32).

Deus pôde abençoar e multiplicar os nossos bens terrestres por meios que possam ter a sua approvação. Olhemos para os bens celestes e para as riquezas que Deus tem reservado para aquelles que o servem com pureza de coração (Math. 5:8). Busquemos a sabedoria que vem de Deus (Thiago 1:5) e conduzamo-nos como filhos da luz (1ª Thes. 5:4-8).

JOÃO DOS SANTOS

—A bondade é a cadeia de ouro, que liga a sociedade.

—O sorriso da esposa acalma a ira do esposo.

ANTONIO RODRIGUES PEREIRA

Reproduzindo no presente numero o artigo biographico que *Mac* publicou no periodico official das A. C. M. do Brasil, queremos deste modo, deixar bem evidente o estreito laço de amizade que nos unia ao pranteado amigo Antonio Rodrigues da Silva Pereira.

E si não fôra a transformação que em nosso espirito operam as calendas, que umas após outras se passam para não mais voltar, ainda hoje, teriamos vívidamente impressa na retina visual, toda aquella scena do dia funereo e triste em que vimol-o entre as taboas do negro e estreito esquite, acobertado de olentes flores:

São as intermittençias sensitivas de gozo ou pezar que a vida nos offerece e pelos quaes Jesus, o nosso Mestre tambem passou:

Vimos o Pereira (como o tratavamos na intimidade) e folgamos em conhecê-lo; e desde logo elle soube fazer nascer no amago de nossos corações as affeições de amigos veros, alegres da acquisição de um tão util companheiro...

Esse dias de convivio foram tão bons, tão salutaes, cheios de alegria, que ainda hoje delles sentimos saudades, immensas saudades.

Segue o artigo a que acima alludimos:

«Antonio Rodrigues da Silva Pereira nasceu no Rio de Janeiro, aos 12 de Junho de 1870, sendo filho de José Rodrigues Pereira e d. Constança Francisca da Silva Pereira. Como menino frequentou as aulas do collegio dr. Menezes Vieira, á rua dos Invalidos, e mais tarde cursou por dous annos a Eschola Polytechnica.

Já nesse tempo o Pereira era de sentimentos religiosos, e, conforme a luz que tinha, procurava fazer o bem e afastar-se de certos procedimentos da mocidade incredula. Em Setembro de 1890 foi a Belgica, com o proposito de se fazer engenheiro, e durante tres annos cursou as aulas da Universidade de Gand, donde regressou á patria em 1894, sem completar aquelle curso, chegando ao Rio no dia em que começou a revolta de 6 de Setembro.

Durante os annos de 1893 a 1900, trabacom o seu pae na direcção da padaria de sua propriedade á rua Senador Pompeu, onde, pela primeira vez ouviu o Evangelho a instancias de alguns freguezes, que o convidavam a assistir ao culto na Igreja Fluminense, á rua larga de São Joaquim. Assistiu ás prégãos do rev. João dos Santos por longo tempo, e, finalmente, sendo convencido da verdade, e verdadeiramente convertido, professou a sua fé em 5 de Julho de 1903, unindo-se á Igreja Fluminense, da qual continuou como membro até o seu fallecimento.

Ouvindo fallar da Associação Christã de Moços, assistiu a varias de suas reuniões, e por amizade com alguns dos seus associados, começou a frequentar a sua séde, tornando-se socio della em 8 de Novembro de 1898, por proposta do sr. J. L. Fernandes Braga Junior.

Frequentador assiduo da Associação, o Pereira ficou conhecendo logo seu movimento interno e começou a ajudar voluntariamente nos trabalhos da Secretaria: tendo terminado o negocio do seu pae, entrou a trabalhar, sem remuneração, como Ajudante do Secretario Geral, em 1902. Nessa occasião reconheceu que na Associação Christã de Moços encontrava vasto campo para a realizaç. o dos ideaes que pouco a pouco formára, de ser util ao seu proximo em serviço altruista; fallou com o Secretario Geral sobre o seu desejo de dedicar sua vida a este trabalho, mas não achou caminho aberto para realizar o seu plano.

Um anno mais tarde realizou-se a primeira Convenção Nacional das A. C. M. e o Pereira tomou parte saliente nos preparativos para mesma, sendo membro da Commissão Organizadora, e preparando uma these sobre «A funcção da A. C. M. entre os estudantes nos collegios e universidades.» Esta experiencia da Convenção augmentou-lhe o desejo de empregar a sua vida na carreira do Secretariado, e, pouco depois, em Setembro de 1903, embarcou para os Estados Unidos com o fim de se matricular na Eschola Preparatoria de Secretarios Geraes da A. C. M., na cidade de Springfield, Mass.

No convivio intimo de tres annos nessa Eschola, aprofundou-se ainda mais no

Pereira o verdadeiro espirito que o animava ao abraçar a carreira, o espirito caracteristico da A. C. M., o espirito de serviço altruista em bem do proximo. Ahi elle embebeu-se no espirito de seus queridos mestres, Bowne, Doggett, Seerley e Berry, e ao mesmo tempo grangeou o respeito e a amizade profunda, tanto do corpo docente, como de seus collegas de turma, alguns dos quaes mantinham correspondencia com elle até pouco antes do seu passamento.

Regressando á patria, em Outubro de 1906, para se entregar á carreira que abraçara, dedicou-se com inegualavel zelo e abnegação ao exercicio de seu cargo. Durante dois annos foi infatigavel em servir ao gremio, não medindo sacrificios de tempo ou de força physica em attender aos trabalhos da rotina diaria, ou em ser útil de qualquer fórma aos socios que o procuravam. Os serviços internos da Secretaria andavam sempre em dia, devido á sua constancia e boa organização.

Em Setembro de 1908, quando nos chegou ás mãos a noticia da crise aguda que atravessava a Associação de Pernambuco, com a enfermidade do seu unico Secretario Geral, John H. Warner, o Pereira acudiu ao pedido de auxilio e dirigiu-se para o Norte, onde passou quasi tres mezes na direcção do trabalho, auxiliando tambem no tratamento daquelle enfermo. Sem o sabermos, já nesse tempo elle não se sentia bem, mas não se queixava, e, ao regressar em dezembro, a Associação offereceu-lhe uma festa de recepção, e presenteou-o com um mimo em signal de apreço e reconhecimento dos muitos serviços prestados.

Respondendo ao discurso de apresentação, disse elle na sua modestia que nunca mais os socios o apanhariam em semelhante festa; infelizmente estas palavras encerravam uma prophacia, mas hoje damos graças a Deus por havermos tido occasião de lhe manifestar, em vida, o quanto o amavamos e estimavamos.

Em Março de 1909, continuando a necessidade de auxiliar o gremio co-irmão do Recife, o sr. Clark, depois de conferenciar com o sr. Pereira, seguiu para lá, ficando assim este ultimo sobrecarregado com o serviço extraordinario do

começo do anno social. Nesta crise aggravou-se o seu mal, já incipiente mas desconhecido dos companheiros, e em Abril, quando absolutamente não poude se manter em pé, cedeu ao inevitavel e recolheu-se á sua casa, em tratamento.

Destá data em diante não mais appareceu na Associação; durante onze longos mezes soffreu, ás vezes dôres atrozes, outras vezes só a fraqueza natural após o soffrimento; o seu mal zombou dos medicos, que só muito tarde reconheceram a sua natureza e quando já não havia tempo para combatel-o.

Succediam-se aos dias de grande desanimo dias de relativa satisfação, em que as visitas de amigos e companheiros da A. C. M. o alegravam. A todos elle recebia com bom humor, e a niguem se queixava da sua sorte. Sómente os membros da sua familia, e alguns amigos mais intimos, sabiam o quanto elle soffria.

Sciante do fatal desenlace da sua molestia, e isto mesmo como que por intuição um mez antes do desfecho fez as suas ultimas disposições, e aguardou paciente o dia em que o Seu Mestre havia de chamal-o. Anhelou por este dia, para descansar dos seus soffrimentos, mas esperou-o com verdadeira resignação.

E' finalmente, em 25 de Março, rodeado de sua familia, sua querida mãe, em quem tantas vezes fallava com a ternura de bom filho; suas extremosas irmãs, cuja dedicação reconhecia; seu unico irmao, por cuja felicidade e por cuja conversão elle sempre orava a Deus, e ainda por alguns parentes e amigos intimos, exhalou o ultimo alento, tranquiillamente, como criança que dormita ao aconchego de sua mãe.

Por occasião do seu enterro, officiou em sua residencia o rev. João dos Santos seu pastor, e bem assim no cemiterio de São Francisco Xavier, fallando á beira do tumulo, além do mencionado pastor, o dr. Luiz Carpenter, e Myron Clark. Muitos socios e amigos acompanharam os seus restos mortaes á ultima morada; o seu caixão foi coberto de corôas e de bouquets de flores naturaes, e foi carregado á sepultura por um grupo de moças, suas irmãs e primas.

O nosso amigo pelejou «uma boa peleja, acabou a sua carreira e guardou a fé:» deixou-nos valiosissimo legado — o seu exemplo. Que Deus nos dê a força para o imitarmos, e que levante de entre os socios um ou mais moços com o mesmo espirito, para levar avante a obra que elle começou.

A' sua enlutada familia, e mui especialmente á sua querida mãe, as nossas mais sentidas condolencias».

ESTUDO BIBLICO

O GRANDE PROPHETA—Deut. 18 v 15 a 18.

Moysés condemnou o Espiritismo, prohibindo por ordem de Deus a consulta a advinhos, sonhos, agouros feiteiro encantador, pythões, e accrescentando «nem quem indague dos mortos a verdade».

Dizendo que Deus abomina estas cousas, e por essas maldades Elle exterminará os povos que praticam estas abominações (Deut. 18 v 9 a 14).

O Propheta Isaias (8 v 19, 20) tambem condemna taes consultas, e diz: «Acaso não consultará o povo ao seu Deus, ha de ir fallar com os mortos á cerca dos vivos»? No v 20 ensina a quem devemos recorrer, isto é, á Deus e á sua Palavra. O mesmo ensino é dado pelo Senhor Jesus em Lucas 16 onde Elle indica a Palavra de Deus—Moysés e os Prophetas—como o unico guia para a eternidade (v 26 a 31).

Moysés mostra aos Israelistas que Deus levantaria um propheta a quem deviam ouvir (Deut. 18 v 15). Este Propheta nosso Senhor Jesus Christo (Actos 3 v 22; cap. 7 v 37).

Ainda que Jesus não veio naquelle tempo, a promessa inclue ensinares os fieis, preparados por Deus para ensinar o povo até á vinda do grande Propheta.

Assim succedeu, porque depois da morte de Moysés, Deus indicou Josué para ser o seu successor, e depois de Josué vieram outros, como Gedeão, Barac, Sansão, Jefté, Samuel e alguns prophetas.

O Propheta especial seria um igual a Moysés em certo sentido, está dito em Deut. 34 v 29, que não se levantou mais

em Israel propheta algum como Moysés'. Isto foi escripto, provavelmente por Josué ou Samuel. Tambem podia ter sido feito por Esdras, quando elle reviu os livros de Moysés e outros depois do captiveiro de Babilonia. Em Num. 12 v 6 a 8 Deus mostra a differença entre Moysés e outros prophetas elevando Moysés como superior a todos.

Maior, do que Moysés só podia ser o Senhor Jesus Christo, e Elle era em tudo maior do que Moysés (Heb. 3 v 2 a 6).

A propheta de Moysés refere-se ao Senhor Jesus, a quem foi dado o nome propheta (Matt. 14 v 5 cap. 21 v 11; Marcos 6 v 15; Lucas 7 v 16). Os Judeus esperavam este propheta e applicaram a Jesus a declaração de Moysés (João 1 v 21, cap. 6 v 14).

O Apostolo Pedro faz referencia a esta propheta, e a applica a Jesus (Actos 3 v 18 a 24). O Senhor Jesus era igual a Moysés porque (1) veio libertar o seu povo, como Moysés libertou os Israelistas; (2) era poderoso em obras e prodigios; (3) recebeu de Deus a revelação que tinha de dar aos homens; (4) vio a Deus face a face.

A palavra propheta significa não só um homem que prediz o futuro mas tambem um instruidor quer de consa recebidas por uma revelação para o presente, quer instruindo para o futuro em tudo o que pertence a Deus.

Os prophetas antigos declaravam o futuro e consultavam a Deus sobre cousas presente; elles eram agentes de Deus e fallavam em nome de Deus.

Arão é chamado propheta de Moysés porque delle recebia a mensagem para Pharaó (Exodo 7 v 1).

Abraão é chamado propheta, pela sua intima relação com Deus (Gen. 20 v 7). Propheta é uma revelação de Deus feita pelo homem (2ª Pedro 1 v 21).

Em sentido, restricto—propheta — é uma pessoa a quem o conhecimento de cousas secretas são reveladas, presentes ou futuras (João 4 v 19; 4º Reis 5 v 26; Lucas 1 v 76 a 79).

No tempo de Nehemias prophetas foram nomeados para prégar (2º Esdras 6 v 7).

Escolas de prophetas existiam em Israel onde estudavam a Palavra de Deus (1º Reis 10 v 5; cap. 19 v 20; 4º Reis 2 v

3, 5; cap. 4 v 38) Alguma cousa semelhante aos collegios ou seminarios de hoje onde se estuda para o ministerio evangelico.

A palavra propheta é empregada no Novo Testamento (1ª Cor. 11 v 4, 5; cap. 14 v 1), á pessoas sob direção do Espirito Santo, instruindo a congregação dos crentes (Actos 13 v 1; 1ª Cor. 12 v 28; Actos 21 v 9; Eph. 2 v 20; 1ª Cor. 14 v 3, 23, 24, 29; 4ª Thes. 5 v 20). Também é applicada a musicos sagrados (veja-se em Almeida 1º Chronicas 25 v 1). Moysés era um propheta, porque recebia de Deus mensagens para o povo, instruindo nas cousas divinas, fazia prodigios por autoridade de Deus e fallava de acontecimentos futuros.

Os outros prophetas recebiam mensagens por visões e sonhos, mas Moysés fallava com Deus face a face, e como Moysés, Deus ia levantar um Propheta. Jesus Christo é este Propheta, não só igual, porém maior, pois era o Senhor, enquanto Moysés era um servo (Heb. 3 v 3 a 6).

Como homem e no exercicio de Propheta, Jesus era igual a Moysés (1) Porque Moysés foi mandado por Deus para fazer grandes prodigios e libertar os Israelitas do captivo do Egypto. (2) Jesus tambem veio como enviado de Deus, fez grandes milagres e libertou os homens do captivo do peccado (Lucas 4 v 18, 19; Matt. 1 v 21; cap. 4 v 23 a 25). (3) Moysés recebia a mensagem fallando com Deus face a face, e Deus fallando de Jesus diz: "Porei na sua boca as minhas palavras, e elle lhes dirá tudo o que eu lhe mandar."

Jesus diz, fallando ao Pae: Eu lhes dei as palavras que tu me deste" (João 17 v 8), e ao povo diz.

"Eu não fallei de mim mesmo, mas o Pae, que me enviou, é o mesmo que me prescreveu pelo seu mandamento o que eu devo dizer, e o que devo fallar... assim que o que eu digo, digo-o segundo mo disse o Pae" (João 12 v 49).

(4) Moysés era um legislador; deu aos Israelitas leis que recebeu de Deus. (5) Jesus introduziu novas leis e deu a verdadeira interpretação ás leis de Moysés

(João 1 v 17; Matt. 5 v 17 a 22, 27 31; cap. 7 v 29).

(6) Moysés era o Mediador dos Israelistas, seu guia para a posse da herança (Gal 3 v 19; 1ª Cor 10 v 1, 2). (7) Jesus é o Mediador do seu povo e de um novo pacto, o chefe do povo de Deus, em cujo nome somos baptizados, como os Israelistas foram para Moysés. Elle nos guia para uma herança no ceu, adquirida pela sua morte na cruz (1ª Tim. 2 v 5; Heb. 8 v 6; cap. 9 v 15; cap. 12 v 24; Eph. 1 v 22; Col 1 v 18. Rom 6 v 3; Gal 3 v 27; Heb. 3 v 1 a 6; cap. 4 v 1, 2).

Outros pontos de egualdade existem entre Moysés e Jesus, como (1) A fuga de Moysés para um paiz estranho (Ex 4 v 19).

(2) Jesus tambem foge para o Egypto porque queriam matal-o como a Moysés (Matt. 2 v 20).

(3) Moysés recusa ser chamado filho da filha de Pharaó e despreza as riquezas e e honras do Egypto (Heb. 11 v 24).

(4) Jesus regeita as offeras de Satanaz e do Mundo (Matt 4 v 8 a 10; João 6 v 15).

(5) Moysés prediz os males que viriam sobre os Israelistas, se elles deixassem de servir a Deus (Deut. 28 v 15 a 68).

(6) Jesus tambem prediz a destruição de Jerusalem e seus habitantes por regeitarem o Christo de Deus (Lucas 21 v 20 a 27).

Ha semelhança entre Moysés e Jesus como Prophetas de Deus, salientando-se a relação de Moysés como libertador e legislador dos Israelistas debaixo do velho pacto, e Jesus no novo (Heb. 7 v 19, 22; cap. 8 v 4 a 6; cap. 9 v 13 a 28). Em Deut. 18 v 19. Deus diz: "O que não quizer ouvir as suas palavras, que elle fallar em meu nome, eu me vingarei delle.

Esta declaração é confirmada em Jesus Moysés e Elias appareceram no monte da transfiguração de Jesus, o primeiro como representante da Lei e o segundo como representante dos Prophetas na presença delles e de tres Apostolos, representantes do Evangelho, Deus proclamou Jesus como o Propheta, dizendo:

"Este é aquelle meu querido Filho, em quem tenho posto toda a minha complacencia: ouvi-o (Matt. 17 v 1 a 15

A este Propheta, o Filho de Deus, deve-

mos ouvir. Deus manda ouvir-o, e quem não o ouvir, será exterminado.

Assim succedeu com os Judeus que não quizeram ouvir Jesus (Actos 3 v 13 a 15 17 a 26; cap. 4 v 10 a 12). "Deus tendo fallado muitas vezes, e de muitos modos noutro tempo, a nossos paes, pelos prophetas, ultimamente, nestes dias, nos fallou pelo Filho." "(Heb. 1 v 1, 2). Portanto é nos necessario guardar mais exactamente as cousas que temos ouvido, para que não succeda que nos esqueçamos" (Heb. 2 v 1 a 3).

JOÃO DOS SANTOS.

Hospital Evangelico

Aos associados e amigos da causa

Cumpre-me avisar aos dignos associados desta instituição que os novos Estatutos estão em vigor desde o dia 18 do corrente. Transcrevo, para seu governo, o seguinte artigo e seus paragraphos:

Art. 42. Só os associados contribuintes inscriptos um anno antes da approvaçào dos presentes Estatutos, estando quites, gosarão do direito de remissão garantido pelo artigo oito dos Estatutos de 1891.

Paragrapho 1º Fica tambem mantida a actual contribuição de um mil reis mensaes para os associados até agora inscriptos, contanto que estejam quites, ou o façam na Thescuraria dentro de sessenta dias após a approvaçào dos presentes Estatutos.

Paragrapho 2º. O associado já inscripto que não satisfazer o estatuido no paragrapho antecedente perderá o direito da contribuição de 1\$000, passando a pagar 5\$000, como se fora um novo associado.

Apresentando, pois, desde já, este artigo aos senhores associados tanto d'aqui como do Interior, espera a Directória as ordens daquelles que se acham em atrazo mesmo de um trimestre no sentido de se quitarem dentro de 60 dias, isto é, até 18 de Junho proximo futuro. Findo este prazo, só serão annotados os que houverem pago até o primeiro trimestre do anno em vigor conforme o artigo supra transcrip-

to, sem direito a reclamações de especie alguma. Cuidado. pois.

Agora, que se vae remodelar o livro de matriculas, será de toda conveniencia que todòs os socios contribuintes, e os que tenham remido depois de o serem, procurem saber da Secretaria ou Thesouraria se seus nomes constam da matricula, munindo-se dos respectivos titulos, para, mais tarde, não haver decepções.

Isto aconselhamos porque, como é natural, entre a esidia que ha lavrado da parte dos associados em pagar as suas contribuições, dos cobradores e mesmo das directorias na diligencia de informações é bem possivel haja por ahi muito embrulho....

Está no interesse de todos regularisar as coisas. Ha, para isso, aquelles 60 dias. Não percam a occasião.

A' actual Directoria foi prolongado o mandato até 31 de Julhó, quando entregará o Hospital prompto e prestará suas contas.

Muito necessario se torna que os amigos do Hospital, num daquelles gestos de insophismavel generosidade, olhem; agora para as necessidades da causa. Especialmente aos da grande subscripção dos 500\$000, appellamos para que façam esforços no sentido de entrarem com o maximo até essa data.

As dividas, com a conclusão das obras, já vão sendo regulares. E devemos pagagal-as.

Caloteiros, não podemos nem devemos ser.

Rio, 21 de Abril de 1910

MANOEL PINHEIRO GUIMARÃES

1º Secretario.

— Quando a alma crente se acha abatida pelos vae-vens da sorte, Deus a conforta e a reanime.

— Bem como o passarinho procura o repouso ao cair da noite, assim, livre das fadigas da vida, a alma crente corre a abrigar se no seio immenso de Deus.

— Si Deus é quem dirige os destinos do Universo, nada acontecerá sem sua sciencia.

NOTICIARIO

O Príncipe da Paz.—Publicamos como artigo de fundo o discurso pronunciado pelo eminente estadista americano Dr. William J. Bryan quando de passagem pela cidade de S. Paulo. Este discurso teve lugar no Theatro São José estando presente o vice-presidente do Estado e muitas pessoas gradas.

União Fraternal das Igrejas Evangelicas.—O pastor João dos Santos vice presidente da União de Obreiros Evangelicos fez a seguinte declaração:

A 3ª reunião será em 6 de Junho, ás 7 horas da noite, na Igreja Methodista do Cattete.

Esta União Fraternal só tem em vista promover a união fraternal entre as igrejas, e não introduzir a Maçonaria como o Jornal evangelico "O Independente" tem dito. A proposta para esta união foi feita por mim, que não sou Maçon nem a favor da Maçonaria.

Não é recto diante de Deus emprestar a irmãos crentes no Evangelho sentimentos e intenções que elles não possuem. "O Independente" não póde provar que trabalhamos a favor da Maçonaria. "Não dirás falso testemunho contra o teu proximo" (Exodo 20 v 16)

Para os Estados Unidos.—A noticia que com esta epigraphe foi publicado no "O Christão" de Abril, não está correcta por ter sido feita, sem o conhecimento da redacção, por um empregado da typographia que para isso não estava auctorizado.

Em Portugal existem já Igrejas Episcopaes Methodistas, Baptistas Congregacionaes e Presbyterianas; portanto o sr. Alvaro, não vae estabelecer o rito presbyteriano entre os irmãos que alli abraçaram o evangelho por intermedio da Igreja Fluminense."

A Igreja Congregacional Lisbonense filial á Igreja Fluminense e as Igrejas Congregacionaes, organisadas pelo sr. Manoel S. Carvalho, que tambem seguem e estão organisadas de accordo com a Igreja Fluminense, continuam no seu trabalho de evangelisar Portugal. O sr.

Alvaro só poderá desenvolver o trabalho da Igreja Presbyteriana Portugueza, que só tem uma pequena congregação mantida pela Igreja Presbyteriana da Escocia. Portugal é grande para quem quizer trabalhar alli no Evangelho; sem uma igreja se embaraçar com outra, como se faz no Brazil.

Fica portanto, desfeita a noticia que erradamente foi dada.

JOÃO DOS SANTOS

Manejo Jesuitico.—Do «Jornal do Commercio» desta capital tiramos o seguinte telegramma:

Dizem os jornaes que os protestantes em geral se mostram desgostosos e até irritados com o projecto de se supprimirem da formula de juramento do Rei os termos «superstição» e «idolatria» applicados a religião catholica e bem assim a referencia a pessoa do Papa.

Ao que parece, os protestantes estão dispostos a combater energica e intransigentemente o referido projecto.

Eduardo VII.—Falleceu em Londres com a idade de 69 annos o rei da Inglaterra, Eduardo VII, victima de um ataque de influenza.

O fallecimento deu-se no dia 6 do corrente, ás 11 horas e trinta e cinco da noite, apóz tres dias de soffrimento.

Por toda a parte, quer no proprio paiz quer no estrangeiro, as manifestações de pezar tem sido enormes, pois grandes tem sido os serviços que prestou tanto á sua patria como no estrangeiro procurando e promovendo a paz européa.

Em seu lugar subiu ao throno seu filho Jorge V que conta 45 annos de idade, tendo já grande pratica dos negocios publicos e da vida, estando deste modo a altura do cargo que occupa.

Que Deus o acompanhe durante o seu reinado guiando-o para o bem da grande nação britannica são os nossos desejos.

Nascimento.—No dia 27 de Abril do p. passado foi o nosso amigo J. C. Fragata, festejado com o nascimento de uma menina que recebeu o nome de Haydée.

Agradecidos pela participação que nos foi remettida.

Rei Jorge V. — É o seguinte o texto da proclamação do Rei Jorge V:

“Aproveu a Deus Todo Poderoso chamar a si o nosso Soberano, Rei Eduardo VII, de bem dita e gloriosa memoria. Pelo seu fallecimento, passa a imperial corôa do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda unica e legitimamente ao Rei e poderoso Principe Jorge. Em vista do que, nós Lords espirituaes e temporaes deste Reino assistidos dos Conselheiros Privados do Rei extincto e inumeros outros *gentlemen* de categoria, Lord Mayor, Aldermene cidadãos de Londres, por unanimidade proclamamos e publicamos que o also e poderoso Principe Jorge se torne, pela morte do nosso Soberano, de ditosa memoria, o nosso unico e legitimo Soberano Jorge V, por graça de Deus, Rei do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, Defensor da Fé e Imperador da India, ao qual juramos toda a fidelidade e constante obediencia. E com cordialidade e humilde affecto, rogamos a Deus, pelo qual os Reis e as Rainhas reinam, que abençõe o Principe Real Jorge V e lhe conceda longos e felizes annos de reinado.

Dado e passado na Côrte de St. Jaymes aos 7 de Maio do anno de Nosso Senhor de 19. 0. — *God save the King.*”

Os Protestantes em Portugal. — O supplemento illustrado do «O Seculo» de 21 de Abril ultimo compõe-se de photographias de diversas egrejas e escolas evangelicas portuguezas e traz os retratos da maioria dos ministros e trabalhadores evangelicos em Portugal. Occupa a primeirã pagina um magnifico retrato do decano dos pastores evangelicos portuguezes o sr. Manoel dos Santos Carvalho, muito conhecido de nossos leitores. As paginas 4ª e 5ª são occupados por um quadro em que se veem os diversos ministros e secretario de A. C. M., ao centro do qual em ponto maior se destaca o venerando Rev. Moreton. Em outra pagina veem-se os retratos de algumas das senhoras que trabalham entre as creanças e as Uniões Femininas. Na 2ª pagina encontra-se um bom historico do movimento evangelico que nos parece feito por mão de mestre.

Occupa a ultima pagina a photogra-

phia do colportur José Alexandre montado num jumento com um volume de livros. Esparsas entre as photographias encontra-se ora o distinctivo universal das A. C. M. ora o monogramma das A. C. M. em diversas linguas.

O facto do jornal mais popular de Portugal occupar exclusivamente um numero com o protestantismo Portuguez vem demonstrar que este movimento está chamando a attenção do publico. Parabens aos irmãos portuguezes.

Alexandre Herculano. — Realisaram-se com excepcional brilhantismo na cidade do Porto, as festas em homenagem a esta grande vulto da litteratura portugueza.

Um dos mais distinctos litteratos do seu tempo, Luiz Augusto Palmeirin, quatro dias depois do fallecimento de Herculano escreveu um notavel artigo biographico do mesmo que foi publicado pelo «Diario Illustrado d'aquella epocha, 17 de Setembro de 1877 e agora reproduzido pelo» Jornal de Noticias”.

Não cabe nos estreitos limites de nossa modesta revista, esse precioso documento historico do illustre portuguez que a esforços herculeos do seu pujante talento tanto contribuiu para a grandeza intellectual do legendario e glorioso Portugal.

Alexandre Herculano era filho de Theotónio Candido d'Araujo; fiel e recebedor da antiga Junta de Juros, e neto de José Rodrigues de Carvalho, pedreiro e mestre de obras da Casa Real.

Foi desta modesta ascendencia que o primoroso escriptor e poeta galgou os picaros da fama e das glorias que hoje aureolam o seu nome.

Vem a proposito dizer que para Alexandre Herculano o primeiro dos livros era a Biblia onde elle educou o seu espirito e bebeu a largos sorvos a inspiração que encheu de vida os seus escriptos.

Lago de Azougue. — Em Vera-Cruz, no Mexico, descobriu-se um lago de azougue que mede mais de 3 hectares de extensão e 10 a 15 de profundidade. O seu valor está calculado em alguns milhões de dollars, e o começo da extracção, que offerece algumas difficuldades, deve ter lugar brevemente.